

ESTUDO DE CASO EM BAURU, SP: CIDADES SEM LIMITES NA 'URBANIZAÇÃO GENERALIZADA' DE HENRI LEFEBVRE

ESTUDIO DE CASO EM BAURU, SP: CIUDADES SIN LÍMITES EN LA 'URBANIZACIÓN GENERALIZADA' DE HENRI LEFEBVRE

CASE STUDY IN BAURU, SP: CITIES WITH NO LIMITS IN THE 'GENERALIZED URBANIZATION' OF HENRI LEFEBVRE

Lívia Zanelli de Moraes

lpzmorais@usp.br

Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, SP

Resumo: Processos urbanos globais emergem também nas cidades médias, a partir de suas lógicas locais, contribuindo para a dissolução do binômio urbano/rural. Este artigo investiga tais processos a partir de um estudo de caso em Bauru, cidade de porte médio localizada no centro-oeste paulista. Retoma a ideia de “urbanização generalizada” de Henri Lefebvre e revela a necessidade de revisão das políticas públicas e de planejamento diante dos fenômenos que não se enquadram nas classificações urbano/rural – e que revelam, portanto, o espraiamento de um tecido urbano desigual e a degradação de paisagens naturais.

Palavras-chave: processos urbanos, paisagens operacionais, cidades médias, condomínios fechados.

Resumen: Los procesos urbanos globales emergen también en las ciudades medias, a partir de sus lógicas locales, contribuyendo a la disolución del binomio urbano/rural. Este artículo investiga tales procesos a partir de un estudio de caso sobre Bauru, ciudad de tamaño medio ubicada en el centro oeste paulista. Se reitera la idea de “urbanización generalizada” de Henri Lefebvre y revela la necesidad de revisión de las políticas públicas y de planificación ante los fenómenos que no se encuadran en las clasificaciones urbano/rural - y que revelan, por lo tanto, la dispersión de un tejido urbano desigual y la degradación de paisajes naturales.

Palabras clave: Procesos urbanos, Paisajes operativos, Ciudades medias, Condominios cerrados.

Abstract: Global urban processes also emerge in the mid-sized cities, from their local logics, contributing to the dissolution of the urban/rural binomial. This paper investigates such processes based on a case study about Bauru, a medium-sized city located in the center of São Paulo state. It retakes Henri Lefebvre’s idea of “generalized urbanization” and reveals the need to revise public policies and planning in the face of

phenomena that do not fit into urban/rural classifications - and thus reveal the spread of an uneven urban fabric and the degradation of natural landscapes.

Keywords: Urban Processes, Operational Landscapes, Medium-Sized Cities, Gated Communities.

INTRODUÇÃO

A Lei Federal nº 10.257/01, conhecida como Estatuto da Cidade, deu maior visibilidade à obrigatoriedade do Plano Diretor para municípios com mais de vinte mil habitantes. Um Plano Diretor Municipal tem como objetivo orientar a ocupação do solo, especialmente no que tange a preservação da natureza, patrimônio e interesses da população. Dentre os vários aspectos que a lei engloba estão as políticas setoriais urbana e rural – definidas ainda pelo conceito tradicional de cidade e por questões político-administrativas. No entanto, processos urbanos emergentes globais – que ocorrem também nas cidades médias brasileiras, dentro de suas lógicas locais – diluem o binômio urbano/rural e precisam ser debatidos para o planejamento das cidades de hoje e do futuro. Este artigo, parte de uma pesquisa de arquitetura e urbanismo em desenvolvimento, investiga tais processos a partir de um estudo de caso em Bauru, cidade de porte médio localizada no centro-oeste paulista.

O tema se mostra relevante ao apontar a necessidade de se revisar as políticas públicas e de planejamento diante dos fenômenos que não se enquadram nas classificações urbano/rural – e que revelam, portanto, o espraiamento de um tecido urbano desigual e a degradação de paisagens naturais. A abordagem do problema é realizada via aproximação da arquitetura e urbanismo com a geografia e conceitos extraídos da bibliografia, especialmente da obra de Henri Lefebvre, ampliada por Neil Brenner para as condições do século XXI. Ainda, é realizado um estudo de caso com ampla documentação fotográfica na zona sul de Bauru para ilustrar as ideias aqui discutidas.

PROCESSOS DE URBANIZAÇÃO

Apesar da geografia apresentar abordagens diferentes da arquitetura e urbanismo sobre escala territorial, em alguns momentos os conceitos se aproximam. Nos anos 1950, o geógrafo Jean Gottmann publicou um estudo sobre a região nordeste dos Estados Unidos, nomeado *Megalopolis*, destacando as transformações no uso e ocupação do solo e nos sistemas de infraestrutura que não se limitavam às áreas construídas, mas consideravam também zonas de produção agrícola, corredores de transporte e hidrografia - uma referência para a definição de regiões globais polinucleares (GOTTMANN, 1961). Desdobrando o trabalho de Gottmann, o arquiteto grego Constantinos Doxiadis considerou tal condição como a etapa anterior de um tecido urbano contínuo que se unificaria em um cenário futuro de completa urbanização, estudo apresentado como *Ecumenópolis* (1967) e que gerou pesquisas sobre o padrão, estrutura, densidade e dimensões do tecido global urbano, destacando que a urbanização adquiriu dimensões continentais e posteriormente planetárias – conforme

teorizado, na mesma época, por Henri Lefebvre em trabalhos como *A revolução urbana* (1970) e que é discutido na sequência.

Mais recentemente, as rápidas e diversas formas de urbanização – como os exemplos do Delta do Rio das Pérolas, na China – também podem ser utilizadas para questionar as bases da teoria urbana, especialmente conceitos consolidados de cidade e urbano/rural. Ainda, a urbanização das zonas periféricas e dos ambientes rurais levam às formas de vida urbana, muitas vezes, sem a implementação de estruturas urbanas – vide campos de refugiados. O tipo urbano se dispersa dando lugar às zonas dúbias “suburbanas”, “interurbanas”, “exurbanas” em que se perde o conceito tradicional de cidade (TERÁN, 1969, p.130), sem a forma compacta representada por processos históricos. Existe agora uma população distribuída e organizada em áreas regionais em permanente expansão e que podem apresentar, simultaneamente, características da era agrária, industrial e urbana (GOTTDIENER, 1993).

A ideia de “urbanização generalizada” já era sugerida por Lefebvre ao identificar alguns processos que começavam a aparecer na Europa Ocidental na década de 1960. O movimento teria se iniciado na fragmentação das cidades tradicionais europeias, seguida pela formação de uma megalópole de grande escala englobando Inglaterra, Paris, a região do Ruhr até a Escandinávia (LEFEBVRE, 2015). Ainda, se estenderam infraestruturas de logística, comércio e turismo em áreas afastadas; empreendimentos industriais e conjuntos habitacionais foram construídos em locais antes periféricos na França, Espanha e Itália; o que levou à dissipação de comunidades agrárias resultando em processos de degradação ambiental em escala continental em meio da “urbanização completa da sociedade” (LEFEBVRE, 1999, p.13).

As ideias desenvolvidas por Lefebvre são revistas pelo *Urban Theory Lab* (laboratório de pesquisa coordenado por Neil Brenner, baseado na Harvard Graduate School of Design) para modelos conceituais e metodológicos sobre a condição urbana planetária do século XXI. De acordo com Brenner¹, as geografias da urbanização não devem ser classificadas referenciando somente cidades, regiões metropolitanas e ainda megalópoles, pois, na atualidade, compreendem diferentes padrões por meio da paisagem socioespacial planetária, de Manhattan ao Matterhorn, do Delta do Rio das Pérolas para Monte Everest, do vale do rio Nilo até o Oceano Pacífico.

Os trabalhos do *Urban Theory Lab* evidenciam que as estruturas herdadas do conhecimento urbano devem ser reinventadas para orientar formas emergentes de urbanização no século XXI – aqui incluímos os processos em andamento nas cidades médias. Diferente da tradicional definição urbano/suburbano/rural, os pesquisadores argumentam que o urbano hoje representa uma condição mundial em que todas as relações político-econômicas e socioambientais estão enredadas, independentemente da localização terrestre ou da configuração morfológica. Esta “urbanização generalizada” significa que mesmo os espaços fora dos centros de aglomeração (rotas marítimas mundiais, redes de

1 Em palestra na Melbourne School of Design. *Towards a new epistemology of the urban*, realizada em 17 mar. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AXhwDwPzH2Y>

transporte, infraestruturas de comunicação, locais de extração de recursos, enclaves turísticos alpinos e costeiros, zonas de captação industriais, oceanos, desertos, selvas, cadeias de montanhas e até a atmosfera) estão se tornando parte de um cenário mundial de processos de urbanização capitalista com a extensão desigual de um tecido urbano composto por diversos padrões de investimento e uso do solo. A urbanização se manifesta na expansão de cidades, cidades-regiões e mega-cidades-regiões que, sobretudo, causa transformações socioespaciais em assentamentos menos densamente aglomerados, mas que estão cada vez mais interligados aos centros urbanos.

Brenner e Schmid diferenciam os conceitos de urbanização concentrada (aglomeração de população, investimento de capital e infraestrutura em grandes conjuntos de espaços de assentamento) e urbanização estendida (paisagens operacionais que dão suporte à aglomeração, como uma zona de exploração industrial, de minérios ou petróleo e que avançam para os subsolos, oceanos e atmosfera estando integrados à malha urbana) analisando o tecido capitalista urbano-industrial com perspectivas sociológicas, cartográficas e políticas sobre a condição global urbana contemporânea (BRENNER; SCHIMD, 2014). Ainda, o sistema global de aglomerações não ocupa mais de 5% do terreno planetário, mas é responsável pela estruturação dos 70% da superfície terrestre atualmente utilizada, de tal modo que as paisagens operacionais sofrem consequências ambientais e sociais destrutivas ao dar suporte ao crescimento das cidades (KATSIKIS, 2014).

Nas cidades médias, o conceito de urbanização concentrada e estendida fica bastante evidente. Ao percorrer uma rodovia no interior do estado de São Paulo, por exemplo, identificamos uma alternância entre cidades (aglomerações) e paisagens operacionais (plantações de cana, eucalipto, usinas e indústrias) que substituem as paisagens naturais para servirem às áreas de urbanização concentrada. Tais processos de transformação socioambientais podem ser identificados também em escalas maiores, como zonas de exploração de petróleo, extensões inundadas para implantação de hidrelétricas, nas vastas plantações de soja e nas áreas de exploração de minério, que vem cada vez mais ampliando as infraestruturas logísticas de longa distância. Todas apresentam históricos com problemas como precarização do trabalho, impactos na saúde da população, desapropriação, aumento da violência, entre outros.

Daí a importância da revisão do conceito de urbano proposto pelo *Urban Theory Lab*. Ao olhar para a relação entre cidades e paisagens operacionais, revelam-se exemplos como Tar Sands, uma zona de exploração de petróleo próxima à cidade de Fort McMurray, na província de Alberta, Canadá. Tar Sands não é uma cidade, mas sim uma zona industrial bastante prejudicada do ponto de vista social e ambiental mostrando que os efeitos da urbanização não estão apenas nas cidades. Entendemos, portanto, que existem diferenças espaciais no modo de urbanização enquanto processo não homogêneo de transformação socioespacial, mediado por formas capitalistas de industrialização.

Ainda, destacamos que, no atual momento, o vocabulário utilizado na arquitetura e urbanismo encontra-se ainda muito atrelado à construção da cidade tradicional isolada da urbanização estendida. Esta demarcação, com a cidade como único abrigo da arquitetura, ignora as transformações do tecido urbano contemporâneo, seus critérios e métodos.

Assim, acreditamos que os trabalhos de planejamento podem se tornar mais precisos a medida que considerarem tais redefinições do urbano.

Em Lefebvre, a urbanização completa sucede o momento urbano antecedente caracterizado pela cidade industrial. Para além da industrialização, nesta nova fase, a urbanização é definida como a própria manifestação produtiva - nesse sentido, caminha para revelar-se globalmente. É o que o autor nomeia de “revolução urbana” (LEFEBVRE, 1999, p.16) e de “fim da cidade” (LEFEBVRE, 1996, p.148), esta convertida em objeto de consumo cultural para turistas - tal como o exemplo atual de Dubai. Porém, ainda com o fim da cidade, o urbano persiste em outra qualidade - disseminado pelo globo.

Nesse sentido, é importante observar a diferença entre “mundo urbanizado” e “mundo de cidades”. As definições recentes de “era urbana” trabalham a ideia de um mundo de cidades com dados estatísticos demonstrando que mais de 50% da população mundial vive em cidades². No entanto, tais dados são coletados de modo variado, com cada região ou país adotando uma metodologia própria, sem levar em consideração as paisagens operacionais, que não são cidades, mas sofrem as consequências do urbano. A região do rio Ganges, na Índia, por exemplo, é considerada uma área rural mesmo tendo uma alta densidade populacional (BRENNER, 2015). Tais consequências levam, por vezes, ao que Neil Smith (1996, p.20) chama de “urbanismo revanchista”, um modo em que novas formas de cidades e lugares emergem sob condições do neoliberalismo, com elementos bastante excludentes, privatização, gentrificação, exclusão e polarização - como os “condomínios” fechados no Brasil, modelo que começou nos grandes centros sob o argumento de segurança e hoje está presente até nas pequenas cidades.

Se a condição urbana se torna mundial por meio do surgimento de formas de urbanização qualitativamente novas e planetárias, nas quais o tecido urbano é densamente desenvolvido nos campos socioespaciais e político-econômicos, esta urbanização global não é só um aumento populacional da cidade ou uma extensão de suas fronteiras, mas significa também a reconfiguração do próprio urbano e, especialmente, de pensamentos inerentes à ele, como cidade/subúrbio; núcleo/periferia; cidade/natureza (BRENNER; MADDEN; WACHSMUTH, 2011). Ainda, independente da densidade populacional, há produção e reprodução do ambiente construído em várias escalas, por isso as paisagens operacionais precisam ser consideradas parte integrante da qualidade urbana global (ARBOLEDA, 2015). Nesse sentido, o mito do urbano fora do ambiente natural é desfeito e, conforme Kaika e Swyngedouw (2000), à medida que os recursos naturais se integram à cidade como *commodities*, a própria natureza se torna re-inventada na sua forma urbana.

A partir desta perspectiva, Brenner e Schmid (2014) sugerem que a noção de uma era urbana é uma ideia equivocada, pois divide algo que não pode ser dividido. A tese da era urbana considera as zonas urbanas e rurais como distintas, desconsiderando os processos de urbanização generalizada baseando-se, sobretudo, em critérios demográficos e administrativos para definir zonas para além das cidades como área rural. Tais classificações não

2 Relatório *Perspectivas da Urbanização Mundial* produzido pela Divisão das Nações Unidas para a População do Departamento dos Assuntos Econômicos e Sociais (DESA), 2014.

deixam claras características comuns que tais regiões poderiam compartilhar em termos populacionais, densidade, uso do solo e mercados de trabalho. No Brasil, por exemplo, 76% da população brasileira encontra-se em municípios considerados predominantemente urbanos, correspondendo somente a 26% do total de municípios. A maior parte dos municípios brasileiros foi classificada como predominantemente rural (60,4%) (IBGE, 2017). Os limites físicos entre zona urbana e zona rural, definidos de acordo com objetivos fiscais, geram classificações sem considerar características territoriais e sociais das áreas analisadas, medida que gera dificuldades para implantação de políticas públicas e investimentos.

Entende-se, portanto, que as zonas de urbanização, sejam elas aglomerações, operacionais ou derivações destas, não devem ser analisadas de maneira homogênea. Os processos urbanos geram variadas condições socioespaciais que demandam análises e teorizações específicas, além de novos vocabulários, inclusive cartográficos, que mostrem as variações do processo de urbanização. É neste contexto que devemos olhar para as cidades médias. Como já observado nas grandes cidades, os municípios de porte médio também enfrentam uma expansão horizontal - suas áreas centrais, repletas de infraestrutura, se esvaziam, o tecido urbano se espalha rumo às áreas antes rurais com a implantação de loteamentos e condomínios isolados. Como resultado, são formadas paisagens que não se enquadram nas classificações de urbano e rural, demandando análises, especialmente pela arquitetura e urbanismo que ainda concentra seus trabalhos nas cidades em seu conceito tradicional.

Dentre os arquitetos e urbanistas contemporâneos em atividade, o holandês Rem Koolhaas apresenta algumas reflexões iniciais sobre o binário urbano/rural. Em junho de 2017, em uma palestra sobre arquitetura e mudanças climáticas³, o arquiteto fez um apelo para seus colegas pararem de ignorar o mundo rural como campo de operação: “[...] devemos pensar em metodologias para uma paisagem que cedo ou tarde teremos que assumir”; “[...] temos que mirar mais além, nos concentramos demais no desenvolvimento do entorno urbano, esquecendo o campo”; “[...] estamos começando a estudá-lo, e embora haja um grande conhecimento, continua fora de nossos radares”; “[...] o mundo rural existe em nossa vida, não como realidade, mas como um mito [...] o campo está se transformando mais rapidamente que as cidades”. O futuro consiste em intervir em “espaços descampados, semi-abandonados, pouco povoados, por vezes mal conectados”.

As pesquisas de Koolhaas sobre a condição urbana resultaram em trabalhos como *The Harvard Project on the City* (2001), desenvolvido em seu período como professor na Harvard Graduate School of Design. O estudo surge como resposta à uma condição da prática arquitetônica na qual arquitetos são chamados a intervir. São examinados os efeitos da modernização na condição urbana e em cada ano, *Project on the City* investigou uma região específica em radical transformação para decifrar processos em andamento. Buscam desenvolver, portanto, uma nova estrutura conceitual e vocabulários para fenômenos que não podem mais ser descritos dentro das categorias tradicionais de arquitetura, paisagem e

3 Em conferência na quarta edição do Congresso Internacional da Fundación Arquitectura y Sociedad de Pamplona, Espanha, intitulado *Arquitetura: Mudança Climática*, de 26 jun.-01 jul. 2017. Disponível em: https://arquitecturaysociedad.org/_congreso-arquitectura-cambio-de-clima/

planejamento urbano. O primeiro volume, *Project on the City I: Great Leap Forward* (GHING et al., 2001), analisou as novas formas e a velocidade de urbanização do Delta do Rio das Pérolas, no sudeste da China.

*Great Leap Forward*⁴ é composto por pesquisas interligadas que apresentam as circunstâncias urbanas recentes do Delta do Rio das Pérolas, são abordados: cronologia, ideologia, arquitetura, dinheiro, paisagem, política, infraestrutura e glossário. “A disciplina não possui terminologia adequada para discutir fenômenos cruciais em seu domínio, nem estrutura conceitual para descrever, interpretar e entender tais forças que podem redefini-la e revitalizá-la” (CHUNG et al., 2001, p.27). Devido às especificidades identificadas, o trabalho estabeleceu um adendo como glossário, no qual são apresentados 71 termos *copyrighted* – o princípio de um desenvolvimento conceitual para decifrar a condição urbana contemporânea.

Na seção ‘arquitetura’ de *Great Leap Forward*, os processos são apresentados sem arquitetura: a explosão do urbano acontece com uma não explosão da arquitetura asiática. Além disso, a pesquisa destaca uma condição mútua de exploração entre as cidades do Delta: Shenzhen só está lá porque Hong Kong está perto, enquanto Dongguan explora a presença de Shenzhen tentando ser ainda mais competitiva para captar investidores. Enquanto isso, ainda existe a coexistência. Em Shenzhen, plantações de arroz são vizinhas de uma área adensada por torres – urbano e rural coexistem formando uma paisagem futurística editada pelo Photoshop®, termo *copyright* para combinações múltiplas e sobreposição de objetos.

Outros vocabulários são listados no glossário de *Great Leap Forward* para elucidar situações urbanas atípicas. Zone®, como zona e não cidade, nomeia o local de nascimento da Chinese Suburbia®, a essência dos processos urbanos na região – a mescla entre cidade e campo. Thinning® identifica uma forma de ocupação de uma grande área com o mínimo de elementos necessários – uma condição urbana é encenada somente pela implantação de campos de golfe e áreas verdes desenhadas por palmeiras – paisagens naturais são degradadas para simular a ideia de urbano. Scape® é a definição desta condição pós-urbana – nem cidade, nem paisagem, metrópole e remotas propriedades rurais sinalizam um possível futuro.

4 Mao Zedong lançou o *Great Leap Forward* (1958-62), um programa para o desenvolvimento simultâneo da agricultura e indústria, na intenção de transformar a economia agrária em socialista. Foi o primeiro passo para a de-urbanização de Zedong – a industrialização do interior e a autonomia das cidades. O *Great Leap Forward* terminou com a fome de 1959, conhecida como *Great Chinese Famine*, os anos seguintes foram anos de recuperação econômica em que a estabilização das *danwei* e das cidades formaram a base no novo estado do bem estar chinês. É tido como um programa fracassado na história chinesa, marcado por trabalho forçado e violência, assim como o recente processo de urbanização: agressivo, desastroso, com efeitos negativos e grandes quantidades de investimento que não produziram melhorias – uma ironia de Koolhaas, um segundo *Great Leap Forward*.

ESTUDO DE CASO: CIDADE SEM LIMITES

Bauru é o município mais populoso do Centro-Oeste paulista, em 2018 sua população foi estimada pelo IBGE em 374.272 habitantes⁵. A “cidade sem limites”, como é conhecida, é hoje o maior entroncamento rodo-aéreo-hidro e ferroviário do estado de São Paulo. É no entroncamento das rodovias Marechal Rondon e Engenheiro João Batista Cabral que identificamos um dos vetores de expansão da cidade (Fig. 1), com concentração de vários “condomínios” fechados⁶. Conforme esses novos loteamentos foram surgindo, o perímetro urbano da cidade foi expandido para incorporá-los, de modo que os limites destes novos bairros fazem fronteira com a zona rural do município – como resultado, surgem paisagens esvaziadas e desconectadas da cidade que não se enquadram no binômio urbano/rural. Para ilustrar o caso, apresentaremos as condições criadas pela implantação recente de três “condomínios” ao redor da rodovia Eng. João Batista Cabral (Figs. 2 e 3).

Figura 1. Imagem aérea de Bauru com as rodovias Marechal Rondon em amarelo e Eng. João Batista Cabral em laranja. Em destaque, a área do estudo.



Fonte: editado de *Google Earth*.

- 5 População estimada: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estimativas da população residente com data de referência 1o de julho de 2018.
- 6 Loteamentos com permissão de fechamento concedido pela prefeitura municipal.

Figura 2. Condomínios já estabelecidos (em azul) e em implantação recente (em vermelho).



Fonte: editado de *Google Earth*.

Figura 3. Transformações da área de estudo (perímetro em vermelho) em 2004, 2010, 2014 e 2016.



Fonte: editado de *Google Earth*.

O primeiro deles, mais próximo à rodovia Marechal Rondon e a outros “condomínios” mais antigos é o Alphaville (2017), bastante conhecido por seus primeiros projetos em Barueri e Santana de Parnaíba, na região metropolitana de São Paulo. O loteamento foi implantado em parte de uma antiga fazenda e faz fronteira com pastos e plantações de eucalipto (Figs. 4 e 5). Por conta de sua localização, um longo acesso viário até a entrada do “condomínio” foi construído, percorrendo áreas ainda classificadas como rurais (Fig. 6). Estas novas vias, com ciclofaixas, postes, jardins e outros elementos, simulam uma condição urbana artificial em uma área remota e esvaziada, a mesma ideia do termo Thinning© de Koolhaas (Figs. 7 e 8).

Figura 4. Vista da via de acesso mostrando ao fundo e a esquerda o “condomínio” cercado por propriedades rurais.



Fonte: a autora.

Figura 5. A via de acesso ao “condomínio” passa por fazendas com placas de “vende-se terrenos no Alphaville”.



Fonte: a autora.

Figura 6. Via de acesso ao "condomínio" Alphaville com ciclofaixa entre fazendas.



Fonte: a autora.

Figura 7. O "condomínio" ao fundo e à esquerda, confrontando com fazenda à direita. Em primeiro plano, a simulação de urbano com poucos elementos - Thinning©.



Fonte: a autora.

Figura 8. Ciclofaixa passando em frente à uma típica porteira de fazenda – uma condição urbana artificial.



Fonte: a autora.

Outro paralelo com os vocabulários de *Project on the City* pode ser observado no “condomínio” Tamboré, de 2016, onde o termo Scape© se aplica à ideia de uma condição pós-urbana - nem cidade, nem paisagem como imagem de futuro (Fig. 9).

Figura 9. Muro do “condomínio” Tamboré à esquerda e fazenda de gado à direita - nem cidade, nem paisagem.



Fonte: a autora.

O novo viário, também com paisagismo e mobiliário urbano, ladeia o extenso muro do “condomínio” e a cerca de arame farpado que delimita a área rural vizinha (Fig. 10). Em especial, a presença da ciclofaixa, elemento tão urbano, ao lado da porteira de uma propriedade rural, gera uma imagem Photoshop© (Fig. 11), termo *copyright* que define combinações múltiplas, acumulação de objetos e sobreposição de diferenças como em uma colagem feita por um *software* de edição de imagens – uma cena surreal na cidade média brasileira que deve permanecer no seu futuro próximo, quem sabe de modo mais fantasioso ainda, com a degradação ao longo do tempo de um viário utilizado por poucos veículos particulares (Fig. 12).

Figura 10. Novo viário: de um lado "condomínio", do outro, propriedade rural.



Fonte: a autora.

Figura 11. Sobreposição de diferenças como uma colagem: ciclofaixa e porteira.



Fonte: a autora.

Figura 12. Passarela recém-construída sobre a rodovia Eng. João Batista Cabral. Ainda assim, os funcionários do "condomínio" percorrem 1,5 km (de um caminho vazio e sem sombreamento) até o ponto de ônibus mais próximo.



Fonte: a autora.

O terceiro “condomínio”, Cyrela Estoril (em obras), era, até dois anos atrás, uma fazenda de criação de gado. Vizinho de outro loteamento “fechado” já estabelecido, tem como via de acesso uma rua ladeada por muros altos, sem calçadas - em breve, em ambos os lados (Fig. 13). Ao final desta rua, onde pedestre nenhum se sentirá encorajado a caminhar, fica a portaria monumental e abandonada de um outro “condomínio” que teve suas obras paralisadas por estar localizado em área de preservação ambiental (Fig. 14). É a definição local de Zone@, zona e não cidade - com uma ruína contemporânea dessa condição pós-urbana (Fig. 15).

Figura 13. Viário ladeado por muros. À direita, mais um “condomínio” em obras.



Fonte: a autora.

Figura 14. Portaria abandonada em área de preservação ambiental.



Fonte: a autora.

Figura 15. Condição pós-urbana. Obras do “condomínio” à esquerda. A cidade ao fundo, à direita.



Fonte: a autora.

Estes exemplos, que poderiam estar em tantas cidades brasileiras, fazem fronteira com rodovias e fazendas conformando áreas carentes de equipamentos urbanos, comércio e transporte público. São lugares esvaziados (a ausência de pessoas é evidente no levantamento fotográfico), sem vida, sem circulação de pedestres - nem cidade, nem rural - inaugurando outra condição de um tecido urbano desigual e problemático. Não atendem, portanto, as diretrizes essenciais de um Plano Diretor com a preservação do meio ambiente e dos interesses coletivos da população - é a cidade como objeto de consumo, 'sem limites'.

Ainda, enquanto parte das grandes propriedades (paisagens operacionais) se convertem em “condomínios” de alto padrão isolados, as pequenas propriedades (402 do total de 588 no município de Bauru, ocupando 6,6% da zona rural⁷) carecem de políticas para seu desenvolvimento sustentável e de infraestrutura para escoamento de produção e insumos. No entanto, esses lugares não são vistos como localidades economicamente estratégicas. Existe uma desconexão entre as concentrações urbanas e as áreas de urbanização estendida. Essa relação das aglomerações capitalistas com as transformações de espaços não urbanos afastados é descrita por Mumford (1970, p.151) como *up-building*' (agrupamentos industriais e de infraestrutura horizontais, verticais e até subterrâneos - no qual podemos enquadrar os condomínios) e *un-building* (degradação das paisagens circundantes através do seu papel intensivo no fornecimento para cidades com combustível, materiais, água e alimentos - as grandes propriedades rurais).

Uma continuação deste estudo de caso num recorte temporal futuro pode ser bastante relevante para nosso campo disciplinar. É factível que as áreas citadas acima sejam acompanhadas em um período de cinco, dez ou mais anos para identificação de suas transformações ou estagnações.

⁷ De acordo com relatório da Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento (2000) existem 588 propriedades rurais no Município, sendo 67% com área inferior a 50ha, ocupando 6,6% da zona rural. 3,5% das propriedades possuem área superior a 500ha, correspondendo a 42% da zona rural. 402 propriedades são de pequeno porte. Disponível em: <http://www.bauru.sp.gov.br/> Acesso em: 31 jan. 2019.

CONSIDERAÇÕES

Ao contrário do imaginário comum, que preserva a ideia bucólica do rural e de natureza nas cidades médias, observamos uma condição já existente de urbanização generalizada também nestes municípios – as paisagens naturais são substituídas por paisagens operacionais, sejam elas infraestruturas ou grandes propriedades rurais. Estas cidades estão inseridas no processo global de urbanização com diferentes exemplos de uso do solo, mas que tem a desigualdade territorial como característica comum. Desse modo, se as decorrências dos processos de urbanização não estão apenas nas cidades, existe a necessidade de se revisar o conceito de urbano para a implantação de políticas públicas e medidas de planejamento urbano capazes de minimizar processos como esvaziamento das áreas centrais e abandono de sua infraestrutura; espraiamento urbano; degradação ambiental. Ainda, assim como a popularização de “condomínios” fechados é um fenômeno recente nas últimas décadas, há de se atentar para o surgimento de processos que definirão novas tipologias urbanas (não necessariamente nas cidades) – como os já citados assentamentos de refugiados que se multiplicam em escala global.

Destacamos também um cenário que populariza discursos ligados à ideologia global da era urbana com aspectos, como: o triunfalismo do urbano, divulgado pela mídia especializada que apresenta as cidades como motores de inovação e prosperidade (vide o termo *smart cities*); o urbanismo tecnocientífico com abordagens que utilizam ferramentas da matemática, estatística e computação para prever possíveis arranjos espaciais; a sustentabilidade urbana, assunto por vezes desgastado devido à distorção do conceito, que coloca as cidades no foco da crise ecológica; os debates sobre megacidades, apresentadas como consolidadas no sul global em condições adversas de rápida urbanização (BRENNER; SCHMID, 2015). Enquanto deveriam ser questionados, tais discursos são utilizados como cenário para propostas, com os quais a disciplina arquetônica se envolve, de caráter neoliberal, para transformar áreas urbanas existentes, independente de seus históricos ou contextos socioeconômicos. Ainda, as paisagens urbanas que se prolongam para além das cidades não são analisadas de modo reflexivo pelos urbanistas. Tais paisagens devem ser examinadas como condição fundamental para a produção de formas urbanas participantes do processo de globalização – portanto, com consequências inúmeras para o mundo – e precisam ser incorporadas nas teorias e propostas urbanas produzidas no século XXI – um modo justo de se pensar as cidades médias, e para além delas, de hoje e do futuro.

AGRADECIMENTOS

A FAPESP pela concessão de bolsa de pesquisa que originou este artigo (Processo nº 2016/22499-5).

REFERÊNCIAS

- ARBOLEDA, Martín. In the Nature of the Non-City: Expanded Infrastructural Networks and the Political Ecology of Planetary Urbanisation. **Antipode**, n. 5, p.233-251, 2015. DOI: 10.1111/anti.12175
- BRENNER, Neil. Em prol de uma reconsideração do urbano e seu impacto global. **E-metropolis**. n. 22, p.59, 2015.
- BRENNER, Neil. **Towards a new epistemology of the urban**. Palestra na Melbourne School of Design, 17 mar. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AXhwDwPzH2Y> Acesso em: 21 nov. 2017.
- BRENNER, Neil; MADDEN, David. J.; WACHSMUTH, David. Assemblage urbanism and the challenges of critical urban theory. **City**, v.15, n.2, p.225-240, 2011. DOI: 10.1080/13604813.2011.568717
- BRENNER, Neil; SCHIMD, Christian. The “urban age” in question. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 38, n. 3, p. 731-755, 2014. DOI:10.1111/1468-2427.12115
- BRENNER, Neil; SCHMID, Christian. Towards a new epistemology of the urban? **City**, v. 19, n. 2-3, p. 151-182, 2015. DOI: 10.1080/13604813.2015.1014712
- CHUNG, Chuihua J.; INABA, Jeffrey; KOOLHAAS, Rem; LEONG, Sze T. **Project on the City I: Great Leap Forward**. Colônia: Taschen, 2001.
- DESA - Divisão das Nações Unidas para a População do Departamento dos Assuntos Económicos e Sociais. **Perspectivas da Urbanização Mundial**. Nova York, 2014. Disponível em: <https://population.un.org/wup/Publications/Files/WUP2014-Report.pdf> Acesso em: 18 set. 2017.
- GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. São Paulo: Ed. USP, 1993.
- GOTTMANN, Jean. **Megalopolis**. The urbanized Northeastern Seaboard of the United States. Norwood: The Plimpton Press, 1961.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Classificação e caracterização dos espaços rurais e urbanos do Brasil**. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100643.pdf> Acesso em: 25 jul. 2018.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativas da população residente nos municípios brasileiros, 2018**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/bauru/panorama> Acesso em: 02 fev. 2019.
- KAIKA, Maria; SWYNGEDOUW, Erik. Fetishizing the modern city: the phantasmagoria of urban technological networks. **International Journal of Urban and Regional Research**, n. 24, p. 120-138, 2000. DOI: 10.1111/1468-2427.00239
- KATSIKIS, Nikos. On the Geographical Organization of World Urbanization. **MONU - Geographical Urbanism**, n. 20, p. 4-11, 2014.
- LEFEBVRE, Henri. **Writings on Cities**. Malden: Blackwell, 1996.
- LEFEBVRE, Henri. **A revolução Urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2015.
- MUMFORD, Lewis. **The culture of cities**. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich, 1970.
- SMITH, Neil. **The New Urban Frontier: Gentrification and the Revanchist City**. Nova York: Routledge, 1996.
- TERÁN, Fernando de. **Ciudad y urbanización en el mundo actual**. Madrid: Blume, 1969.

Data de submissão: 27/ fev. / 2019

Data de aceite: 20/ ago. / 2019